

NO ESCURO DAS COXIAS

TEXTO **MARIANA D'ÁVILA** FOTOS **FERNANDA CALEGARO**

Os camarins escondem
o encanto e a magia
do espetáculo

O teatro surgiu na Grécia Antiga, no séc. IV a.C., em decorrência dos festivais anuais em consagração a Dionísio, o deus do vinho e da alegria. A palavra teatro significa uma determinada arte e designa o local onde o ator realiza o drama frente à audiência. No Brasil, sua implantação ocorreu devido ao empenho dos jesuítas em catequizar os índios, no século XVI.

Desde então suas técnicas vêm sendo aprimoradas e a grandiosidade dos espetáculos cada vez surpreende mais. No entanto, há ainda muitas peças amadoras, sem patrocínio ou divulgação nos meios de comunicação, e esses espetáculos precisam de um grande esforço para chegar aos palcos.

É o caso de duas peças que ficaram em cartaz durante os finais de semana do mês de março na Casa de Cultura Mário Quintana, sala Carlos Carvalho, em Porto Alegre: a infantil

Baú de Histórias e *Ardidos de Paixão*. As duas apresentações foram dirigidas por Edwilson Nunes da Silva, o Edye, que além da responsável pela coordenação é, também, um dos atores do elenco e o que mais for necessário. É aí nos bastidores que se vê como tudo é realizado e como imprevistos precisam ser resolvidos de maneira rápida e eficiente.

A primeira apresentação do dia é voltada ao público infantil, no meio da tarde. Os atores interpretam algumas fábulas conhecidas, contadas de maneira divertida por jovens artistas, na faixa dos vinte e poucos anos, apaixonados pelo teatro. Um a um, eles chegam, aproximadamente duas horas antes do início da peça, e já nesse momento se cumprimentam com um ar de despedida, pois esse seria o último dia de apresentações. Conversam, se arrumam, fazem a maquiagem e vão para as calçadas do centro da Capital, onde tentam atrair o público que

O ator e diretor Edye se prepara para mais uma apresentação



está andando pelas ruas. Com suas roupas coloridas e folhetos em mãos, saem conversando com as crianças, chamando-as para conhecer a história que, mais tarde, será apresentada no palco. Faltando aproximadamente 30 minutos para o início do espetáculo, os atores sobem as escadas até os camarins do teatro, onde terminarão de se arrumar, enquanto o público começa a chegar.

A pessoa responsável pela iluminação não aparece, e Bruna Ruiz dos Santos, umas das atrizes da peça adulta, com apresentação marcada para algumas horas mais tarde, estava por lá e aprendeu, nos últimos segundos, como trabalhar nessa área. Ao lado dela está Bruna Paula Rodrigues, de 14 anos. Durante a temporada, a adolescente teve a sua primeira experiência trabalhando com som, sendo a responsável pela mesa de áudio na peça. Em razão desse período no teatro, hoje não pensa em mais nada que não seja fazer um curso de Artes Cênicas para que possa atuar. "Preciso muito começar a estudar. Não vejo a

hora de me apresentar, ficar em cima do palco, com o público me olhando o tempo todo", deseja a menina.

Faltam poucos minutos para o início da peça. Nos bastidores, os atores do espetáculo, Edye, Kariny Schoenfeldt e Lucas da Costa Furno, acertam os últimos preparativos, fazendo os retoques na maquiagem e separando o figurino para a troca de roupas que acontece durante a apresentação. Assim que soa o primeiro sinal, antes dos dois que antecedem a primeira cena, as portas se abrem e o público vai entrando. As crianças - muitas delas no teatro pela primeira vez - arregalam os olhos, observam o palco vazio com muita curiosidade e fazem perguntas aos pais demonstrando a sua emoção. Quando soa o segundo sinal, quase todos já entraram. As portas se fecham, as instruções para saída de emergência e para os celulares serem desligados, repassadas pelos auto-falantes, podem ser ouvidas. É o terceiro sinal. Os pequenos batem palmas, inquietos. As luzes se apagam, dá pra sentir a euforia do público, tão exigente, tão



O elenco colabora com a montagem do cenário

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Ter feito a matéria foi realmente muito bom. Passei diversas horas nos bastidores de um teatro, observando e conversando com os atores. Vi que uma produção pequena e sem patrocínios precisa de muito esforço e vontade dos artistas para ser concretizada de fato. Toda a organização necessária e o esforço individual de cada um deles são muito importantes para que o espetáculo seja realizado. E ter participado disso, visto como é toda a correria e o "jogo de cintura" imprescindível na hora de resolver imprevistos, foi realmente interessante para que a matéria pudesse ser escrita. Conheci a revista **Primeira Impressão** no início da faculdade de Jornalismo e lembro de ter ouvido os alunos-repórteres da época contarem suas experiências. Ao mesmo tempo, fiquei me perguntando se um dia seria capaz de escrever bons e enormes textos como os deles, e se conseguiria entrevistar as pessoas, independentemente do tema. Hoje sei que é possível, sem dúvida, e deixo a universidade com a certeza de que aprendi e valeu a pena.

Para quem assiste à peça, todo trabalho de preparação é invisível



inocente. Atrás do palco, todos posicionados, esperando o momento de entrar em cena.

O texto começa a ser dito pelo narrador e as crianças nem piscam, acompanhando a história. A primeira personagem, interpretada por Kariny, entra em cena, com uma roupa de leão, e fala, em voz alta, bem alta. Algumas crianças, muito novinhas, se assustam, mas são tranquilizadas pelos responsáveis que as acompanham. Assim que a primeira troca de figurino acontece, os atores já sentiram o público e sabem o que fazer: nesse dia, especialmente, com espectadores tão pequenos na plateia, os atores, já experientes, sabem que precisam controlar o tom de voz, para que os pequenos não chorem. "Hoje não posso ser um rato muito espalhafatoso", brinca Kariny. Já as crianças maiores adoram tudo e querem participar em todas as situações possíveis, avisando às personagens que escolheram o caminho errado, ou que o inimigo se aproxima, por exemplo.

Detalhes

Durante toda a peça, há muita movimentação atrás e ao lado do palco (onde está alojada a parte técnica). É nesse universo que acontecem detalhes que o público não vê, como a habilidade dos atores na troca de roupa em menos de um minuto e a correria ao atravessar o palco, por trás, de uma ponta a outra, no escuro e sem cair. Assim que o espetáculo termina, as luzes são acesas e o público vai embora, depois de aplaudir muito. Atrás das cortinas, os atores comemoram,

com um certo ar de saudade, pois lembram que foi o último dia da temporada. Mas não há tempo para despedidas, pois, em algumas horas, uma nova apresentação será feita. Lucas e Edye também fazem parte da próxima peça e juntam-se a eles Bruna, "a menina emprestada para a luz", Raquel Nunes Rocha e Souza, Alvaro Dimare e Itanir de Souza.

Agora a apresentação é para adultos: *Ardidos de Paixão*. Dentro do camarim, todos fazem a maquiagem ao mesmo tempo. Mulheres se transformam em homens e vice-versa. Faltando dez minutos para que as cortinas se abrissem, Raquel ainda não havia chegado. Ninguém conseguia contato através do telefone, até que, faltando três minutos, ela passa correndo por trás do palco, ser explicar o motivo do atraso, e se arruma em segundos, como num passe de mágica. Esses atores são como se fossem uma família e, assim como na peça infantil, se apresentam pela última vez. A sala está cheia e já é hora do terceiro sinal. Durante o espetáculo, todos estão concentrados, e o diretor Edye confere tudo até o último momento. Mesmo durante a peça, nas cenas em que não está no palco, ele consegue se aproximar do local onde fica a parte técnica e regular o áudio dos microfones. "Tenho que estar atento a tudo, mas é isso que eu gosto e sei fazer na vida." Assim que a apresentação termina escutam-se os aplausos. Algumas atrizes se emocionam e choram, no clima da despedida. É o momento final. O público, de pé, se prepara para sair. É a magia do teatro e de seus bastidores que, por enquanto, terminou. As luzes se acendem.